

A Companhia das Ilhas apresenta

O Segundo Olhar

Inês Lourenço



Apresentação

Este *O Segundo Olhar* surge da confluência de algumas circunstâncias, que justificam uma breve referência. Embora avessa à constatação de marcos de temporalidades biográficas, dei-me conta que neste decorrente 2015 se completam 35 anos sobre a data da edição do meu primeiro livro de poesia (1980). Conversando com dois amigos poetas, que acrescentam à arte dos versos outras valências estéticas, surgiu a ideia de uma colectânea de poemas escolhidos a gosto do autor da recolha, justificada num posfácio e englobando eixos temático-expressivos reincidentes nos meus livros. Assim, abracei esta ideia, ladeada por um poeta editor e por um poeta antologador.

Um terceiro vértice desta conjugação me agrada sobremaneira: o facto de ver os meus poemas publicados numa editora insular. Esta característica de coisa feita em território ilhéu provoca-me toda uma nostálgica empatia dos lugares literários do amor camoniano, dos sítios exóticos e intocados, dos banimentos e exílios de tanta gente. Parece que da sintonia destas afinidades sairá obra capaz de cativar os conviventes da poesia.

[I.L., Porto, Julho de 2015]

Excerto

PLENILÚNIO

O segundo olhar, uma espécie
de leitura nas vísceras
do primeiro, como os águas
lêem no interior das aves
recém-imoladas. Fechamos os olhos
e acende-se melhor um rosto, um ângulo

incerto de janela, torres, arcos
de pontes cruzando o largo rio. Na
névoa hialina da distância
sob a pupila comungamos
o plenilúnio das imagens.

Inês Lourenço

Porto, 1942.

É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Publicou nove livros de poesia, estando os primeiros reunidos em *Um Quarto com Cidades ao Fundo* (Quasi, 2000); os mais recentes foram editados pela & etc: *Logros Consentidos*

(2005), *A Disfunção Lírica* (2007) e *Coisas que Nunca* (2010). *Câmara Escura- uma antologia* reúne 30 poemas da autora escolhidos por Manuel de Freitas (*Língua Morta*, 2012). No mesmo ano publicou na Companhia das Ilhas *Ephemeras* (micro-histórias).

Está representada em diversas antologias e colectâneas, tendo publicado textos em jornais

Ficha técnica

Género: Poesia

Ano: 2015

Número de edição: 70

Colecção azulcobalto 031

ISBN: 978-989-8592-99-6

Dimensões: 15,5x17,5 cm

Nº de páginas: 200

PVP: 14,00 €



COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3
9930-149 Lajes do Pico, Açores, Portugal

TM +351 912 553 059 / +351 917 391 275
TEL +351 292 672 748

www.companhiadasilhas.pt
companhiadasilhas.lda@gmail.com

e revistas portuguesas e do Brasil, como *JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias, Cadernos de Serrúbia, Colóquio / Letras, Relâmpago, Inimigo Rumor, Telhados de Vidro, Magma e Águas Furtadas*. Colaborou, igualmente, em publicações de poesia de Espanha, França, Itália e México, com poemas que foram traduzidos nas respectivas línguas.

Coordenou e editou, entre 1987 e 1999, *Hifen- Cadernos de Poesia*, com treze números, na sua maioria temáticos, publicação de carácter intergeracional, em que participaram, com colaborações inéditas, grande parte dos poetas

Leituras, notas críticas

O título desta crónica [*Segundos Olhares*] é quase igual ao de um novo livro de Inês Lourenço [*O Segundo Olhar*]. Ele é a terceira recolha antológica da sua poesia. Uma anterior foi organizada pelo poeta Manuel de Freitas; esta terceira, que inclui também poemas inéditos, teve uma organização (e também um excelente posfácio, em que se aborda em geral esta poesia), de outro poeta, José Manuel Teixeira da Silva.

O livro tem a particularidade de estar dividido em nove partes, cujos títulos são fragmentos de versos (p. ex.: “algum coração de árvore”, “nenhum apodrecimento é suave”, etc.). Nestes títulos faz-se já uma declinação poética que, à primeira vista, pareceria de natureza temática. Com efeito, eles apontam para certas direcções semânticas. Mas estas não se reduzem a temas, porquanto se referem a uma figuração, que é sobretudo imaginativa.

Podemos dizer que prevalece uma inclinação para uma referencialidade existencial, que ganha especiais desvios mediante uma figuração irónica ou, em certos casos, quase de intenção satírica. Tal referencialidade visa certos aspectos urbanos, a vida do dia-a-dia, quase o trivial: “o resto é branco./ trivial”. Aqui, a ironia tende a conjugar-se com o *kitsch*, a denúncia do mau gosto.

Chamando a atenção para tal, Teixeira da Silva refere-se a um ocasional tom sentencioso que em vários poemas ocorre. A figuração irónica torna-se epigramática e, como tal, apresenta-se tendencialmente como uma pequena composição poética. Isto coincide com o facto de o poema tender, por vezes, para uma diegese. Podemos ver aqui algo que aproxima Inês Lourenço do que se convencionou designar por pós-modernidade, embora, como assinalaremos mais adiante, possa coexistir na sua poesia um sentido ou um registo que é sem dúvida diferente.

Dissemos que em alguns poemas ocorre um procedimento diegético; conta-se, então, uma pequena história. Exemplifiquemos com o poema intitulado “Bilros”: “As reparigas da Foz há muito deixaram/ de enlaçar os bilros sobre as almofadas./ Já não imitam nos meandros da renda o desenho/ das ondas.” E acrescenta: “Elas “hoje/ trabalham na pizzaria ou servem pregos e finos/ na esplanada. Com um pouco de sorte fazem um Curso de Gestão ou de outras ciências”. E não deixa de ser importante que o poema termine noutra registo, em que se refere ao rio de Douro cujo estuário confina com o que foi outrora um aglomerado de casas de pescadores e hoje é a Foz: “aquele poderoso rio, que apesar de retido/ em comportas de barragem, incorpora/ desde a nascente o corpo feminino/ das ribeiras que para ele correm

portugueses contemporâneos, bem como poetas de outras línguas.

Participou em eventos dedicados à poesia: “La poésie portugaise après Pessoa”, Paris, 2000; “Encontros com poetas”, Porto, Fundação Eugénio de Andrade, 2000; “Vozes e Olhares no Feminino”, Porto, 2001; “4.º Encontro Internacional de Poetas”, Coimbra, 2001; “Poezine- encontro de revistas literárias”, Coimbra, 2003; “Poetas do Porto” – debate na Feira do Livro do Porto, 2008; ciclo “Poetas do Porto”, Fundação Eugénio de Andrade, 2008.

ainda/ como rendilheiras, no regresso dos barcos”.

Mudança de registo... Este poema foi escolhido para mostrar como o microrrealismo, a poesia do olhar – neste caso um olhar que principia por ser irónico – se transmuda noutra visão que é a de uma imagem metaforizante que se afasta já, como referimos, de uma sensibilidade marcadamente pós-moderna. Isto mostra bem que, tendo Inês Lourenço iniciado a publicação da sua poesia nos anos 80 – altura em que o pós-modernismo, vindo dos anos 70, se afirmava entre nós –, ela soube conciliar uma expressão subjectiva com aquele sentido de figuralidade poética a que a modernidade nunca foi alheia. Presta-se atenção a uma textualidade proveniente dessas figuras que são, como é sabido, imagens e outras derivas expressivas que criam a própria textualidade do poema.

Aliás, Teixeira da Silva, no seu posfácio, admite precisamente esta coexistência, o que, sem dúvida, é um bom caminho para o entendimento da poesia de Inês Lourenço. Em *O Segundo Olhar* podemos encontrar passagens como esta: “Nenhum crucificado pende/ em efígie. A dor é um monstro/ demasiado informe e a redenção/ uma luz demasiado insuportável/ para olhos humanos. Dá-lhes, Mestre, / um corpo sem chagas nem espinhos/ que ame o próprio declínio”. Este é entre outros um aspeto diferente e essencial na poesia que neste livro se pode ler.

[Fernando Guimarães, “Segundos Olhares”, recensão crítica em JL, edição de 25 de Novembro a 8 de Dezembro de 2015]

Uma escolha *sui generis*, na disposição e no cânone pessoal (mas avisado) que tece, que o poeta José Manuel Teixeira da Silva fez da poesia de Inês Lourenço. Um caso, o de IL, que isola no seu núcleo criador uma forma sobremaneira particular de entender os processos como o poema constrói o seu lugar e como, sobretudo, abala o monolitismo dos edifícios pré-concebidos, sejam eles as estruturas estanques de uma sociedade fossilizada, sejam os trâmites e as plantas do pré-fabricado. Esta poesia autonomizou há muito o seu valor. A antologia proposta por Teixeira da Silva bem o relembra.

[Hugo Pinto Santos, revista online Forma de vida: <https://www.facebook.com/Forma-de-Vida-483301655041737/>]



“A INTRANSITIVA BELEZA DO MALOGRO”

A obra de Inês Lourenço trabalha sobre a luz de ontem, servindo-se perfeitamente dela para adivinhar a ele amanhã. Entre secas frases curtas que parecem apreender a própria sensação de desbotar dos dias, os seus poemas funcionam como crónicas, numa arte que realinha as pequenas circunstâncias e as serve num balanço que sabe cair ao lado da provocação sem se ficar por aí. Muitas vezes ríspida, num tom que varia entre o remoque e a voz trocista, roçando o discurso do “eu bem te avisei”, alguns dos seus melhores poemas começam como inofensivos bordados onde, de súbito, uma subtil decepção abre caminho a notas de uma perspicácia que fere. Com um gosto pelos quadros que capturam “a intransitiva beleza do malogro”, as questões de fonética que arrastam algo mais, céus povoados de “um bando de reflexos” das leituras que lhe servem de companhia – Cesário, Raul Brandão, Pedro Homem de Mello, Eugénio... Nesta poesia que procura ser direta, e que interpela sem resvalar para a retórica, sente-se uma fidelidade quase furiosa pelos detalhes, um sério instinto para os sublinhados e destaques, ainda que algumas vezes não se salve de levar demasiado à letra o Código do Procedimento Administrativo para o real quotidiano. A meio de um longo poema (“Avulso”, pág. 23) a autora abre um parêntese para rechaçar “os leitores/ amantes de ambiguidades/ várias ou da luminosa literatice mística” que poderão andar por ali ao engano, “à procura do rigor poético”. Se há um tom desafiador, uma lucidez que por vezes se quer elevada à condição de uma moral, o que esta antologia da responsabilidade do poeta José Manuel Teixeira da Silva consegue é afinar um dos percursos mais coerentes e habilidosos no campo da poesia portuguesa atual, com uma obra que, ao longo de mais três décadas, elaborou momentos que, de tão veementes, alcançam um esplendor e o tal rigor poético que nos cativa na obra de enormíssimos vultos da poesia contemporânea como Vitorino Nemésio e Jorge de Sena. Um exemplo desse apuro e mestria encontramos num brevíssimo poema como “Animais arrancados em redor”: “Para enterrar um corpo/ quantas pequenas ervas/ e escondidas larvas/ são aniquiladas. O golpe/ seco da pá desentranha os/ mínimos seres, com/ o rumor de um barco vazio/ que ainda singra/ contra a falésia.” O pior nesta edição é o próprio objecto. Um desastre do ponto de vista gráfico, além de que, a nível das dimensões, reproduz descaradamente a ilusão do quadrado do mítico catálogo da & etc – onde tanto a autora como o editor, Carlos Alberto Machado, têm vários títulos publicados.

[Diogo Vaz Pinto, jornal “i”, 26 de Dezembro de 2015]

NOVOS LIVROS [NL] : O que representa, no contexto da sua obra o livro *O Segundo Olhar*?

R- Trata-se de uma escolha de textos realizada e posfaciada pelo poeta José Manuel Teixeira da Silva, segundo os veios temáticos que privilegiou na minha poesia, focando assim as linhas de força que definem um dizer.

NL : Qual a ideia que esteve na origem deste livro?

IL :

Numa pequena nota introdutória, na edição referida, assinalo que em 2015 se perfizeram 35 anos sobre a data de publicação do meu primeiro livro de poesia (1980), dando-se a feliz coincidência de poder realizar este livro com dois poetas: um poeta-editor, Carlos Alberto Machado e um poeta-antologador, José Manuel Teixeira da Silva. Igualmente estive na minha predilecção a escolha de uma editora insular e independente, qualidades, que quer pela prática quer pela simbologia, muito prezo.

NL : Pensando no futuro: o que está a escrever neste momento?

IL:

Tenho para publicação um livro inédito de poesia, que só a morte inesperada de Vítor Silva Tavares da editora & etc, obstou a que já tivesse vindo a lume. Um novo conjunto de micro-ficções, a exemplo de *Ephemeras*, está igualmente, em gestação, para além de diversificadas colaborações em livros colectivos que me solicitaram para este ano.

[Inês Lourenço, em entrevista ao blogue NOVOS LIVROS, Fevereiro de 2016]





COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3
9930-149 Lajes do Pico, Açores, Portugal

TM +351 912 553 059 / +351 917 391 275
TEL +351 292 672 748

www.companhiadasilhas.pt
companhiadasilhas.lda@gmail.com